

senhor!!... Leonardo fitou-o com espanto.

- Ora essa, você mal me conhece...

- Mas já gosto do senhor - afirmou o menino, fixando-o com seus olhos claros e sinceros.

Leonardo parecia perplexo.

- Bem, quer saber de uma coisa, eu também já gosto de você. Da outra vez que eu vier para cá, e que espero seja em breve, vou fazer-te uma visita.

- E eu vou ficar muito contente. Quero que o senhor conheça minha tia e vou lhe mostrar o retrato de mamãe, o senhor vai ver como ela era linda!...

- Tenho certeza disso - assentiu Leonardo num murmúrio.

Agora ele caminhava ao lado do menino em silêncio, pois seus pensamentos voavam através do tempo. Acabaram de cruzar a esquina, onde pela primeira vez encontrara Dóris, vindo de sua casa. Chovia torrencialmente. Ela vinha correndo e quase se esbarraram. Olharam-se surpresos pelo imprevisto da situação e desculparam-se mutuamente. Dóris passou a sua frente e continuou a correr. Mas, ele alcançou-a.

- Se não se incomoda poderei abrigá-la em meu guarda-chuva, dá para nós dois - concluiu sorrindo.

- Obrigada, é muita gentileza sua, mas vou aceitar, do contrário não sei em que estado chegarei ao trabalho. A chuva me surpreendeu quando já estava distante de casa e pensei que fosse passar logo...

- Essas coisas acontecem.

Ele acompanhou-a até a porta do escritório onde ela trabalhava e depois continuou seu caminho para a Faculdade.

No dia seguinte, no mesmo horário e no mesmo local, encontraram-se novamente.

E assim, sucederam-se outros encontros. Talvez por coincidência, talvez propositadamente...

E não tardou para que um romance surgisse entre ambos. Um romance ardente, entre dois jovens que amavam pela primeira vez.

Leonardo parou de repente.

- Bem, vou deixá-lo agora meu pequeno - consultou o relógio de pulso - tenho que ir andando depressa, já estou atrasado. Ainda voltaremos a nos ver em outra ocasião. E agora diga-me, como é teu nome?

- Eu me chamo "Leonardo", é o nome do meu pai, mas todos me chamam "Nardinho"...

- Leonardo?! Então era Leonardo o nome do teu pai?

- Sim senhor, meu pai chamava-se Leonardo.

Leonardo passou a mão pelos cabelos encaracolados.

- Meu Deus!!... Será possível isto que estou pensando? Não estarei sonhando? Não será um pesadelo? Perguntava-se, procurando por ordem em seus pensamentos confusos.

Não, não era um sonho, não era um pesadelo, era a própria realidade. Não lhe restavam mais dúvidas. Aquele menino, o filho de Dóris, era seu filho!

Ali, diante dos seus olhos, estava sua imagem. Eram os seus sete anos retratados nas feições daquela criança.

E só agora ele atentava para essa semelhança que saltava aos olhos.

Os cabelos encaracolados, a vivacidade estampada nos olhos azuis muito vivos - Nardinho era um menino bonito! Leonardo olhava-o embevecido.

Por que Dóris não lhe mandara contar nada sobre a criança?! Quando ainda se correspondiam ela nunca fizera menção ao filho que ia nascer.

Esperava de certo, que ele soubesse cumprir sua obrigação sem pressões, sem que fosse forçado a isso - somente por amor.

Por isso não lhe quisera impor essa paternidade - talvez indesejada.

Ele mesmo dera-lhe razões para pensar assim. Razões de sobra.

Foram umas poucas palavras... escritas em carta quase lacônica... sem esperanças... sem consolo...

Umas palavras apenas. E foi tudo. Não estava bem certo do que lhe dissera então... lembrava-se vagamente... Falara-lhe sobre distâncias... que eram muito jovens... que por enquanto o casamento estava fora de suas cogitações... que o futuro de sua carreira era muito importante para ele... coisas assim. E encerrara-se aí o capítulo amoroso de suas vidas. Rompera-se definitivamente o elo que os unia.

E o amor, que era tudo para eles, que os encantava - os fazia vibrar, que os fazia sentir a beleza da vida naquelas tardes azuis em passeio pelo parque - o amor - consumira-se na fogueira do tempo.

Foram umas poucas palavras... mas deviam ter sido como açoite dilacerando o coração de Dóris. E era tão frágil como uma boneca de porcelana... Tão confiante como uma criança. Acreditava no amor. E o amor trouxera-lhe tanta angústia, tanto pranto e solidão, e silêncios desesperadores em noites de insônia!

Naquela época ele não se sentira culpado. Não avaliara a extensão do golpe que a sua irresponsabilidade desferira.

Só agora, quando a realidade surge implacável e impiedosa apontando-lhe seu erro, mostrando-lhe seus "pés de barro", só agora ele descobre a nudez da sua alma, despojada de todos os sonhos, de todas as ilusões! Então, ele assume sua culpa e penitencia-se.

Mas, ali diante dele, está seu filho; uma criança adorável, perscrutando-o com seus olhos ávidos, com sua mente alerta, talvez curioso para saber o que se passa na mente desse homem que é seu pai; mas que ele ignora. Deste homem que está tão calado, tão absorto, tão perdido em seus pensamentos.

- É seu filho, e irá redimi-lo de sua culpa?

E a voz do menino, doce, cálida como o mavioso canto de um pássaro, soou aos seus ouvidos:

- Moço, por que o senhor ficou de repente assim... assim tão diferente?... Com um jeito esquisito?...

- Ó, não é nada. Talvez eu tivesse ficado surpreso. Sim, foi isso, fiquei muito surpreso. E sabe por que? Eu também me chamo Leonardo...

- Então nós temos o mesmo nome?!

- Pois é. Está vendo Nardinho, que coincidência? Mais um motivo para sermos amigos...

O rostinho do menino iluminou-se.

- Que bom, eu fico muito contente!

- Olhe Nardinho, eu decidi uma coisa agora mesmo, uma coisa muito importante para nós dois.

Leonardo tornou-se muito sério, funda ruga vincando-lhe a fronte larga. Havia tomado naquele instante uma decisão inadiável.

- Além de seu grande amigo, eu quero ser assim como um pai para você. Há pouco você disse que seria bom ter um pai como eu. Pois bem, de hoje em diante eu farei o papel de seu pai. Estamos entendidos?

O menino fitava-o estarecido - aquilo que estava ouvindo era bom demais para ser verdade. Esse moço com um ar tão distinto, incomodando-se tanto com ele! Só podia ser uma brincadeira...

Leonardo insistiu:

- Você ainda não me disse nada. O que achou da minha idéia? Não te faz feliz?

- Mas não é uma brincadeira?...

- Claro que não Nardinho. Eu seria incapaz de brincar com coisas tão sérias.

- Então eu quero lhe dizer que fico tão feliz que tenho vontade de gritar para todo mundo ouvir que agora tenho

um pai! Chegando em casa vou correndo contar à titia - ela não vai acreditar!

- Amanhã eu mesmo vou falar com tua tia, preciso ter um entendimento com ela. Pois de agora em diante, a tua educação e tudo mais que se refere a você, corre por minha conta. Ela também não precisará mais fazer doces para fora. Sobre este ponto também devo ter um entendimento com tua tia.

Uma incredulidade ainda maior estampava-se no rosto do menino.

- Mas...mas, o senhor vai fazer tudo isso por mim? Tudo isso?...

- De que modo então eu poderia te provar a minha amizade e o meu interesse por você, Nardinho? Procurando proporcionar-te aquilo que te fará feliz e que te dará uma vida melhor, é que eu estarei cumprindo a minha obrigação de pai...Não foi o que combinamos - que eu seria como um pai para você?

- Foi sim. Mas, o senhor é bom demais, o senhor é muito legal!...

- É tão bom ouvir isso de você, Nardinho! Tão bom mesmo. Você é um menino notável, eu tenho orgulho de ser seu...amigo...

Por enquanto Leonardo decidira assim. Nardinho era muito criança para saber a verdade. Combinaria tudo com a irmã de Dóris. Abriria seu coração e lhe diria do seu arrependimento e de sua determinação de fazer tudo por seu filho! Mais tarde, quando Nardinho já o amasse, e pudesse compreender e perdoar, então ele contar-lhe-ia toda a verdade.

- Quero que frequentes um bom colégio - continuou dizendo - e como teu sonho é ser soldado, cursarás a Academia Militar, para poder ser então um garboso oficial do Exército. Não é isso o que você quer Nardinho?

- É, sim senhor. É o que mais quero. Quando eu rezar hoje à noite prá mamãe, vou contar tudo e ela vai ficar muito feliz!

- Eu sei que ficará...tenho certeza disso - pensou Leonardo - Então até amanhã, nos encontraremos em casa de tua tia.

- Até amanhã, meu grande amigo. E muito obrigado! - disse o menino pendurando-se em seu pescoço.

Diante daquela manifestação de carinho tão espontânea, Leonardo comoveu-se. E um sentimento novo, doce e apaziguador - um sentimento de amor paterno - começou a nascer em seu coração. Estreitando a criança ao peito, beijou-a na face ternamente.

Enquanto se afastava, uma sensação de bem-aventurança, uma sensação que nunca sentira em todos esses anos passados de falsas ilusões - envolveu-o como a suave carícia da manhã.

E aqueles homens? Muitos saíam cedo à procura de trabalho, mas outros ficavam por ali estrados em frente aos barracos sem fazer nada, desprezíveis e vagabundos, sujos e maltrapilhos, só lhe causavam asco e medo. E, quando à noite, alguns chegavam embriagados, gritando e dizendo improperios, ela ficava apavorada e encolhia-se em seu cantinho.

Já não suportava mais viver como um amolinzinho encurralado nesse ambiente vergonhoso. Sentia falta de carinho e de amor.

Sua mãe, desde que vieram para a cidade grande, já não era mais a mesma.

Elle ressentia-se também dos maus tratos do irmão, dois anos mais velho que ela - menino taludo, metido à mandão, a irmã era a sua maior vítima. Queria obrigá-la a

